

TERRA nossa

(13)



(Desenho de Martinho G. da Fonseca)

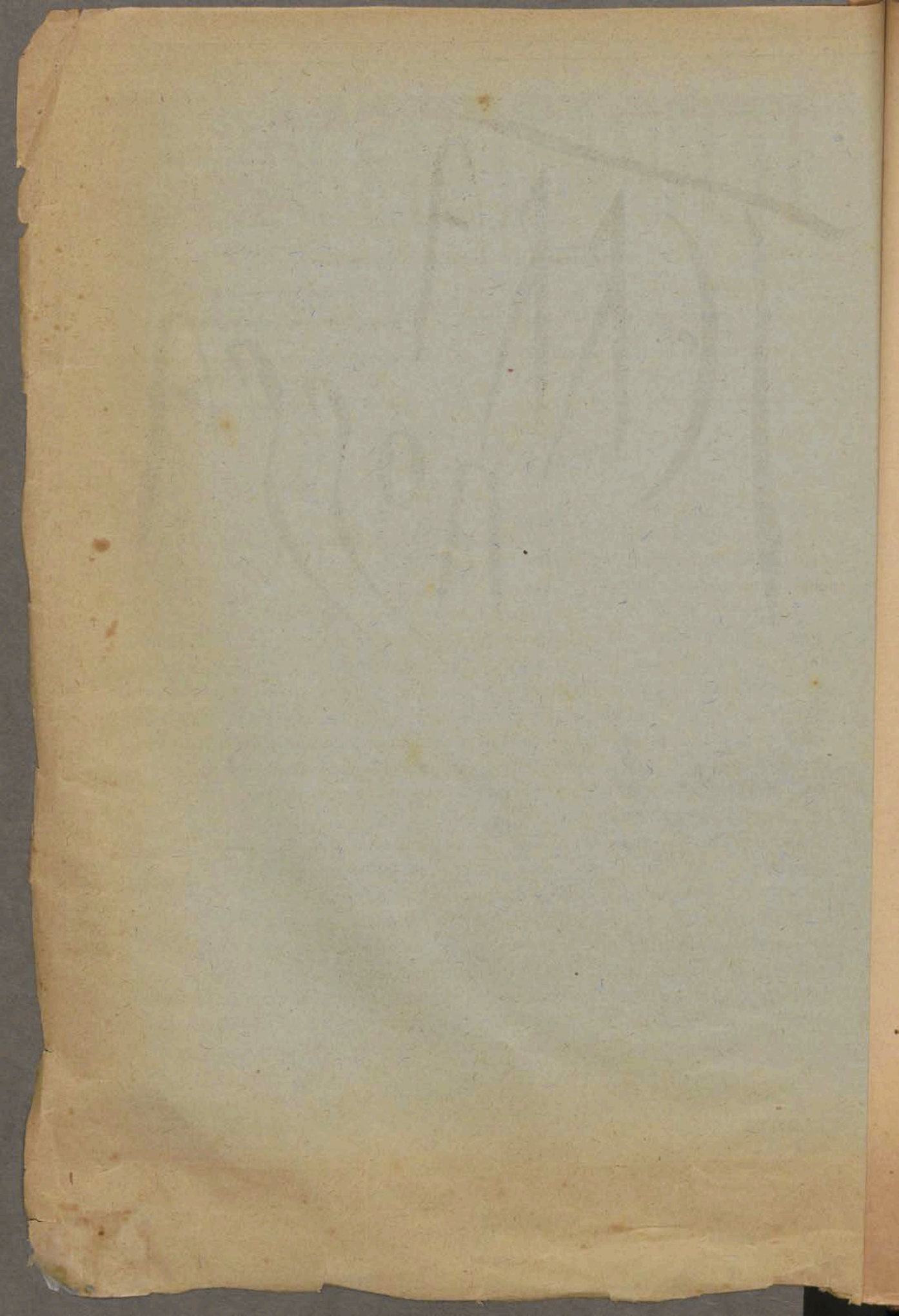
Mensario de inquerito
á vida alentejana

Numero avulso 10 centavos

1

ANNO I
Maio de 1916

LISBOA



TERRA NOSSA



Anno I

Propriedade da «Empreza da Terra Nossa»

N.º 1

DIRECTOR LITTERARIO: Antonio Lobato Adegas

DIRECTOR ARTISTICO: Luis Chaves

SECRETARIO DA DIRECÇÃO: Theophilo Junior

EDITOR: José Niny Mexia

Redacção e Administração: Rua de D. Pedro V, 158, 3.º

LISBOA

Composição e impressão: Typographia do Annuario Commercial
Praça dos Restauradores, 24 — LISBOA

«TERRA NOSSA»

O mensario alentejano *Terra Nossa*, cujo primeiro numero agora vem sahir n'uma occasião quasi nada propicia a emprêsas da especie d'esta, é a realisação d'uma ideia de ha muito acarinhada por corações alentejanos de portugêses.

O nosso querido amigo e precioso collaborador Francisco Beliz, de braço dado com o já grande artista Correia Dias, haviam preparado o advento d'uma revista similar chrismada de *Terra Mãe*, revista que por motivos d'ordem particular cuja exposição nada importa n'este momento, infelizmente não chegou a apparecer. A *Terra Mãe* foi no entretanto precursora da *Terra Nossa*. Os collaboradores da *Terra Mãe* dispensam o seu apreciavel curso ao mensario que hoje apparece. Não frisar com muito agrado este facto prestando a Francisco Beliz e a Correia Dias a homenagem que elles nos merecem, seria de certo o não cumprimento d'um dever imperativo alem de representar uma incorrecção a que o nosso feitiço moral é estruturalmente avesso.

O mensario alentejano *Terra Nossa*, como do proprio titulo se deprehende, propõe-se congregar em de redor da mesma banca as energias alentejanas que a politica disseminou. E' por assim dizer o campo neutro do entendimento alentejano. N'elle se procurarão coordenar os estudos de varia especie que o Alentejo por ventura venha sugerir áquelles que o apreciam quer como filhos quer como amigos, e a ethnographia provincial encontrará mais tarde nas suas paginas um repositório d'elementos que não será para despresar. O objectivo da *Terra Nossa* todavia não é cerradamente restrictivo. *Terra Nossa* pôde significar tambem «Terra de Portugal». Nas suas columnas encontrará guarida por consequencia a collaboração preciosa de todos aquelles escriptores e artistas portugêses que á nossa hospitalidade alentejana pretendam recorrer.

O mensario *Terra Nossa* destina-se a viver do publico. Conforme o acolhimento que o publico lhe dispensar assim elle verificará se é apenas mais uma tentativa que falhou ou se corresponde a uma necessidade como tal reconhecida para aquelles a quem interessa.

Maio de 1916.

chadas pelos paredões enegrecidos do convento, longo e grave entre a mocidade da folhagem.

Já lá ia o tempo em que, de entôrno á lage da *chaminé*, pelas envernias estiradas se ajuntavam aldeãos a contarem-lhe histórias e lendas, a trôco d'um tostão. Assim fazia a pesquisa de tradições. Quando percebia que algum inventava ou falseava cortava sempre:

— Esse não vale um tostão.

Agora tudo era amargura. O nôme do artista vingára imortalidade, a primitiva dureza da vida mudara em relativo bem estar.

Só a saudade crescia mais viva. A desgraça não perdia de vista os filhos do *mestre escola* que, por suas mãos, erguera a casa do *Largo da Mesericórdia*. Não conseguira arreda-la o cuidado com que o seu espirito supersticioso apanha do chão ferraduras velhas.

Consagrado como um dos maiores artistas de todos os tempos não lhe faltou, ao morrer, para sua maior gloria, o insulto dos imbecis.

Tem o tumulo em Cuba cercado por aquela grade de ferro, que, na frase camiliana, evita o acesso dos cães.

GARCIA PULIDO.



SONETO

Abeiro-me de mim... Que paz crepuscular!...
 Fechou-se docemente, em êxtasi, a minha alma,
 para guardar melhor, saborear mais calma,
 o lúcido mistério, amor, do teu olhar.

Fechou-se... E em vão em roda a vida tumultua...
 Sombra e silêncio em tórno ao teu olhar de afago!...
 Abeiro-me de mim!... Fundo êxtasi de lago,
 reflectindo, em silêncio, a palidez da lua...

Doce luz de mistério!... E's alva ou setestrela?...
 A noite vai descer?... O dia, emfim, desponta?...
 Só é belo sonhar. Não tentarei sabe-lo...

E' quimérica flor a minha ideal ventura;
 e jamais lhe tocou, sem lhe causar afronta
 e faná-la e perdê-la, a minha mão impura.

Leiria.

HERNANI CIDADE.

Em Beja — A feira

Quando dos lados da Cuba, pela via ferea do sueste, se afronta de longe Beja, com a sua torre vetusta de cincoenta metros, ornada nos angulos de balcões com *machicolis* dismantelados, as suas casas brancas de cal, os seus restos de muralhas em ruina — sobre um monticulo de restolho penachado na base d'eucaliptos — tudo isto bufante de calor, sob um ceu pardo bretoejando a oftalmia horrivel do deserto, o apercebimento é tão immovel, tão hirto, reverberante, esbozado, que essa velha cidade espectralisa-se á vista como um pedaço d'Africa mauritana, em pleno Maughreb fatalista do sultão. A silhueta medieva fica por muito tempo pairante, no horizonte basso das queimadas (é a 9 d'agosto) n'uma assombrosa aridez de formas islamitas, onde terraços e vagas cupulas brancas parecem historiar na paysagem como que a diffusão d'um pezadello.

A' roda é tudo secco, poeiroso, aspero e maldito como na colina onde Satanaz tentou Jesus; apenas aos dois lados da via, junto á estação, verdes de vinha, oliveiras sem sombra, casitas fugitivas; e em zonas de delirio, sob os 55 graus do sol a pino (duas horas da tarde) os circulos dantescos do ruido das cigarras, ondulantes, univrsaes, desesperados que melhor dirieis o estreitor da natureza ardendo em febre.

Uma tipoia trazida em segunda mão do Corpo-Santo, nem melhor nem peor que as lisboetas, só mais poeirosa e tirada a mulas, leva-nos da estação aos altos da cidade, fazendo uma meia espiral ao travesso da colina, e abordando no caminho algumas casas de venda e rezidencia, cujo ar novo, caiado e escarolado, representa os esforços da população esgueirando-se pelas rasgaduras da cortina e vindo p'ra sóra dar o exemplo da descentralisação de que tanto havia mister,

desde cincoenta annos, o labyrintho das velhas ruas de Beja archeologica e medieva.

Como é dia de feira, um mundo d'atarefados labregos pue o caminho; as vendas regorgitam, passam ás costas alforges prenhes de vitualhas — uns trazem já da feira, como elles dizem, o *seu governo*, cabrestos de torçal, albardas e esteirões, cestos, lençadas de maçãs, muares e botifarras; outros desembarcaram agora mesmo do *vapor*, e vem subindo em mangas de camisa, pesados, á procura de *comodo*, os grandes chapéus de resplendor acabrunhando-lhes a faceira, sob rios de suor que o pó lambusa d'imundicie — e o intenso da luz solar quasi enlouquece, hiper-nevralgico, sinistro, em halallis de sofrimento; a poeira acida sufoca; o suão cresta, aos dois lados da estrada, as verduras torcidas das acacias, desorienta as cabeças, queima de horriveis sedes a turba; e eis porque nos raros cantos de sombra, ás portas das locandas, nos *bainiques* improvisados com um larau de azeitona entre dois traços de choupo, as melancias do Algarve e dos alagadios do Sado, abrem aos dentes avidos da gentana fluctuante do mercado — os seus castellos vermelhos e aguacentos, e as limonadas e o vinho branco regalam as gorjas de continuos glu-glus pantagruelicos. Ao embocar na cidade, logo, o contraste entre a parte velha e a parte nova choca os artistas d'um nefando contraste chinfrineiro; (de resto a impressão commum de todas as povoações portuguezas que saltaram sem transição do medievismo pleno, para as contemporaneas renovações em estylo de caixote) e vêem-se coisas que, *se fazem honra ás auctoridades e ao commercio*, e acredita-las podem na admiração dos bocca-abertas, tiram por outro lado áquelles romanticos coios habitados pela historia e pela lenda

o seu transfigurado cunho de referencias illustres do passado, e o stygma monumental em que tanto se compraz a divagação dos fetichistas sentimentaes do velho tempo. Claro que eu não verbero aos municipios o crime de terem rasgado as decrépidas adarbes e os cubellos furados pelo balazio das guerras e dos cercos; que eu não estranho que o bom prazer dos ricaços haja mettido torres de D. Diniz para dentro dos quintaes, talhando-as em varanda de mangericos e cloacas, metendo a materia pensante, intestinal, dos conselheiros e commendadores pr'o meio da rua; nem acho pecado enfim o qualquer viscondalho preferir a esses grandes sarcófagos do seculo xvii, como o caso dos Dórias, de tectos polyedricos e sacadas duplas nos cunhaes, formando tribuna a cada canto specimens tão bellos entre as architecturas nobres da cidade — o palacete d'azulejo com platibanda das Devezas, relojoeiros e pharmaceuticos nas lojas, e recamaras a papel lindadas de cães de loiça e cestos de carochos. As liberdades modernas tudo sancionam, mesmo o direito de cada qual reproduzir na morada a abjecção do seu interior.

Já é bastante o poder seguir-se ainda por entre o accumulado das casas e o enredamento das ruas, quasi completa, a linha de fortificações da Beja antiga, e o não terem já particulares e auctoridades deitado abaixo mais fragmentos, para os materiaes pavejarem ruas e constituirem chiqueiros e quintalorios. A esta conservação se deve a investidura patricia e senhorial do aldeão sem saber o que Beja encerra, e que mais se sublimaria se o conservantismo das juntas de parochia em vez de tratar dos templos com cataplasmas de barro, ás tres pancadas, curasse ao contrario de venerar por meio de reparos sabios as phisionomias poeticamente graves d'alguns d'aqueles santuarios, hoje irreconheciveis e estragados. Como não foi para jeremiadas archeologicas que vim hoje, toca para o hospedeiro a metter combustivel na machina derreada, que está lá baixo a feira em plena chafra-napa, e ha para um quadrito typico da expansibilidade social da

corja alemtejana. Hoteis ha dois. O *Careto* ao pé da torre grande, em poiso terreo, meio abegoaria meio estalajem e onde é costume abancarem forasteiros menos cotados, alem da sua abrangida esplendida dos campos havia ainda quatro annos um guapo chamariz — venho a dizer, a qualidade especial dos percevejos, unica verdadeira aristocracia da terra, pois se pretende descender dos que descongestionaram o cachaço de Gonçalo Mendes da Maia, o *lidador*.

N'uma das vitrines do museu municipal, alguns exemplares se conservam, com attestados, de percevejos em cujas veias, diz Luciano Cordeiro no erudito preambulo da Freira Portugueza, girou comprovadamente o sangue do ponteiro. Vae, comparando-os com os do hotel *Careta*, não ha differença: mesma pujança de sucção, mesma corpulencia, ronha parecida; por modos que essa raça briosa em oito seculos nem sequer bastardeia ou degenera. São percevejos d'antes se quebrar que torcer, e cujas tradições muito edificam para a historia dos costumes da cidade. Porque Beja seja uma terra essencialmente acatadeira de direito historico, não espantará que desta grei fosse brotando ultimamente o mandarinato politico do districto, se bem que com o nome de conselheiros, designativo gestatorial d'aquelle insecto. O hotel de luxo é o *Sebastião* ou *Vista Alegre* á rua dos Semblanos. Está-se alli bem, por minha fé! pois a familiaridade é tão ampla que ninguem tem o ar de se incommodar por nossa causa.

Trepando por uma escadita azul, chega-se a um corredor escuro que mais ou menos leva á casa de jantar. Esta é de ladrilho mosaico, escamoteada de vistas singulares pelas paredes, com uma grande meza no centro, um guarda-loiça quebrado entre as portas e sobre terraços, ao fundo, duas janellas para a formosa *vista alegre*. Os terraços são esplendidos, e a casa enorme, o panorama vago como um mar. Antes da sopa, espalha-se um pouco a vista pela sala: o relógio tem ar, o mosaico diz bem — quanto ás paredes, ao guarda-loiça, ás humbreiras, ao tecto, á toa-

lha e aos guardanapos. . . ora adeus! sejamos superiores. Nem só de limpeza vive o homem. Estes hotéis de provincia têm um ar d'abandono tão discreto! Ha nove annos, forçado a vir a Beja por questões do serviço militar, n'este hotel abanquei, como hoje está, com o relógio, os frescos, o mosaico viscoso e o guarda-loiça quebrado, e esta toalha, esta mesmissima toalha, menos damasquinada porém no cebo das dobras e na sobreposição das nodoas dos *ménus*. O encontra-la na meza, ainda a mesma, ao cabo de tantos annos de serviço dá-me a emoção d'um protesto obscuro mas firme contra a inconstancia das coisas d'este mundo. *TOUT PASSE, TOUT CASSE*. . . só esta toalha porca é como rocha. Palimpsesto da poesia jardimosa do Sebastião da Vista Alegre, como se vê te osculou nove annos a clientela dos que não usam guardanapo! Em nove annos d'ausencia, os dois envelhecemos, eu fazendo-me branco, tu tornando-te preta — e ambos çançados d'aguardar para as festas os condes de Paris que deliram por vel-as des'que a rainha lhes mostrou como remember da ultima. . . uma ferradura.

Fazendo a girata das camaras e aposentos da locanda, outra escentricidade capta as sympathias: em toda a mobilia não ha dois trastes contemporaneos ou semelhantes, parece de restos de casas leiloadas por fallencia dos donos na batota, e sobre que bebados tivessem cahido logo á bordoada. Por exemplo: mezas de quatro pés, tem só tres; cadeiras de, por exemplo, tres teem só uma; as latrinas de quarto não teem fundo, as toalhas da cara accumulam estas funcções com outras posteriores — marque falta aos bidés, o sr. conselheiro! — debaixo da cama caixotaria velha com esqueletos de guerrilhas miguelistas; o creado que serve em mangas de camisa, diz *ó seu typo* a D. Prospero, hespanhol tisico, hospede ancestral, cujo vozirão lhe retruca *CAGANDO-SE EN DIOS* e di-

zendo *PUÑETERA A N. Senhora*; a deshoras, sinistramente, cahem do forro botas de montar; ratos fallam francez, veem commissões de pulgas com palas verdes, intitulado-se operarios sem trabalho — pelas paredes contas de porcos vendidos, riscos de phosphoros — e quanto a despejos fica nos bacios a ourina, d'uns annos para os outros, sendo conhecido na terra com nomes de vinho do Porto, *malvasia*, *Lacrima Christi* e 1815 o anno em que mais se ourinou na Vista Alegre, ou fosse da vista, ou do prodominio do cação algarvio nos fricandós. Esta imundicie assim exhibida sem impostura nenhuma, sem malicia, tem um ar de cordealidade alemtejana, de democracia fora de portas, de semcerimonia nacional, dispondo favoravelmente aos confortos da velha hospedaria, que de resto reflecte apenas os habitos e gostos dos seus hospedes e não é melhor por não precisar sel-o n'esta jocunda provincia onde a amizade se exprime no proloquio de *comer com um tal no mesmo barranhão*. Devo juntar que mau grado as jogralidades do rescripto, jantei no Sebastião como um prior, e por quantia modica, gosando alem d'isso á noite as brizas do terraço e os halitos do immundo vale ceifado, estranho e diabolico, que alastra entre Aljustrel e Mertola, e que uma lua sangrenta, d'opera, ennovoára de tragicas confusões. A feira de Beja tem nome na provincia, e costuma ser pela bravura das transacções a principal talvez do seu districto. Consta um pouco de tudo quanto caiba nas necessidades quotidianas remotas ou longinquas, dos ruraes, avultando entre as cabeças de negocio, os cereaes e gados de todas as especies. Não é exagerado dizer-se que seja o districto de Beja como dos graúdos ceileiros de Portugal.

(Inédito.)

FIALHO D'ALMEIDA.

Poema do Outono

Vem a subir o Outono, minha Amiga!
Nem uma aza corta
o ceu parado, o amplo ceu dormente.
Olha o abandono da paisagem morta!
Como de a ver desfeita e inanimada
se aperta a alma á gente!

Vem a subir o Outono...
Um vento rouco
diz agonias lentas quando passa.
E eu sinto-me invadir a pouco e pouco
p'la intima tristeza, p'la amargura
dessa lamuria baça.

Seus fundos ais parecem profecias.
Voz de tragedia antiga,
não sei que mistico terror a inunda...
Que extranhos males são os que anuncias?
D'onde me falas, boca moribunda?

E o vento aventureiro
cala-se, não responde e continua.
Abala e torna a vir...
O' caminheiro
de estradas ermas, longas, infinitas,
que negra sina a tua!

Vem a subir o Outono...
O' minha Amiga,
como será o nosso envelhecer?
Murcham quimeras como secam folhas...
Se o tempo que nos liga nos desliga,
p'ra que viver, Amor, se temos de morrer?

Abril partiu ha muito p'ra o desterro.
No entanto, voltará com os trigaes.
Vem a subir o Outono em ar de enterro.
P'ra nós Abril, é que uma vez partido,
já não regressa mais!

Tu que buscaste entre retortas, Fausto,
A formula da vida alheia á dôr,
— da Vida — aguia, sempre altiva e moça,
Tem dô, tem dô, d'um coração exausto,
ensina-m'a, doutor!

Ensina-me a vencer o frio e a morte,
livra-me da incerteza em que estrebucho!
Que o coração me bata pleno e forte,
mostra-me a fonte de Juventa, bruxo!

E o vento vagabundo
passa, repassa, torna a repassar.
João-sem-Terra, deu a volta ao mundo
— o que ele não terá para nos contar?!

Vem a subir o Outono...
Ao ceu parado
um tedio enorme o espalma.
Dormente, quedo, não o acorda um vôo!
Mas que saudade me anda agora n'alma
p'la luz que se exilou!

Mas que saudade viva a que me assalta
p'la luz que está ausente!
Oh, quem nos dera, Amor, oh, quem nos dera,
lá onde as andorinhas fazem alta
quando se vão a ver da Primavera!

Oh! quem nos dera,
longe do Outono, em encantadas ilhas,
cheias de enlevo, á flôr do mar brilhante,
pomar de maravilhas,
que sob o ceu eternamente claro
das aguas se alevante!

Longe do Outono, o' minha pobre Amiga,
que bom seria ouvir cantar as ondas
— colher a benção d'uma luz macia!
Meu pobre Amor transido, não respondas!
Basta que eu leia n'esse olhar friorento
que bom seria!

Que bom seria, Amor!
E o vento volta,
volta rimando a solidão do Outono.
E eu sinto-me criança, eu tenho medo!
Que é d'uma ama,
— que é d'um regaço dôce, enternecido,
p'ra me embalar, p'ra me chamar o somno?

(E o vento, o grande trágico, declama
as fallas do Romeiro incompreendido.
— «Ninguem! Ninguem!» —

Oh! que aflitivo drama
se passa sob o ceu parado, quedo!)

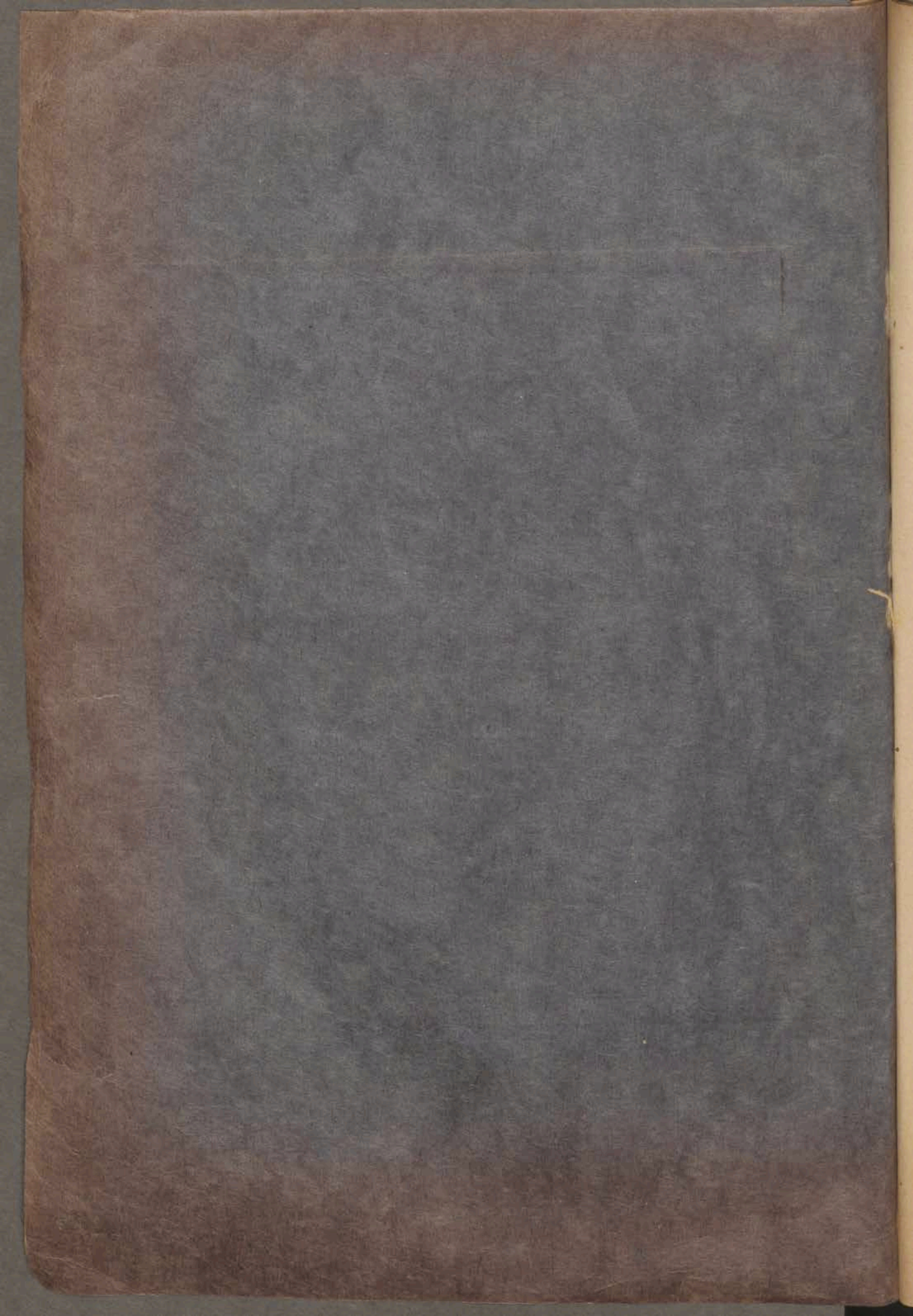
Canta-me tu, Amor, toadas lentas,
como as que a velha Brigida sabia!
Serve-me de aia, vê se me acalenta,
Defende-me das sombras deste dia!

Ao menos, com a voz amargurada
canta-me tu cantigas da avósinha!
A Bella-Infanta em seu jardim sentada,
ou Melizendra presa na Moirama,
ou Dona Silvaninha...

Eu sinto-me creança, eu tenho medo.
(Que coisas não me acodem ao sentido!)
O' minha Amiga, vem crescendo o Outono!
Que é d'um regaço dôce, enternecido,
p'ra me embalar, p'ra me chamar o somno.



FIALHO D'ALMEIDA



Os barristas de Extremoz

(Seculo XVIII - XX)

Imagens e «bonecos»

«... a paz de Deus... para todos os homens, para campos e casas adormecidos, e para a terra formosa de Portugal, tão cheia de graça amavel, que sempre bendita fosse entre as terras.»

EÇA DE QUEIROZ — *A Illustrate casa de Ramires (in fine)*.

As figurinhas de barro, que enchem de lés a lés a terra de Portugal, têm um encanto singular, muito carinhoso e muito intimo, na imaginação do nosso povo.

Na historia da arte, no *habitat* religioso, no santuario domestico, e nas festas, romarias, feiras e arraiaes, as personagens de barro, graves de evangelico hieratismo, ou burlescas de realismo flamengo, mais delicadas ou mais grosseiras, conquistaram o seu campo, e mantêm o prestigio tradicional, feito de ingenuidade, respeito, alegria e saudosa memoria.

No século XVIII, a escultura do barro, estreada no refeitório de Santa Cruz de Coimbra, dois séculos atrás, generalizou-se, ou, melhor, propagou-se. Desembocou dos conventos do século XVII, como o de Alcobaça (1); manteve-se nos mosteiros dos monges artistas, mas desbordou d'elles n'esse periodo activo e feliz das artes, que foi o reinado de D. João V, e em especial nos annos da construcção do convento de Mafra. Alexandre Giusti formou uma pleiade,



GRAV. N.º 1

numerosa e brilhante, de esculptores, que mui bons choroplastas foram (1).

Os modelos profusamente encontrados, provindos uns do século anterior, outros da escultura monumental, a facilidade de trabalho de barro aliada com a abundancia d'elle no país, a presença de mestres da melhor pedagogia artistica, exercida nas numerosas construcções de uma epoca febril, a procura da mão de obra bem collocada e servida ao depois, — todo esse fortuito cúmulo de condições propicias, desenvolveu a arte dos barristas. E ella, de conventual, arte claustral de cânones hieraticos, secularizou, democratizou-se. Como a escriptura do Egypto, escrever artistico, onde eserever era desenhar, tambem a arte

(1) Os principaes discipulos de Giusti, na *escola de Mafra*, foram: Joaquim Machado de Castro, Antonio Ferreira, um Faria a quem Raczyński (*Dictionnaire des Arts en Portugal*, p. 83) attribue talento. Discipulos e imitadores de Machado de Castro foram, entre outros: Alexandre Gomes Dias, José Silva, Bernardo Duarte, Pedro de Alcantara da Cunha. Raczyński, in *op. cit.*, menciona alguns modeladores de barro em Portugal: André Contucci (p. 53), Ignacia de Almeida (60), João José Braga (133), Manuel Teixeira (284), etc.

(1) Ramalho Ortigão, *A escultura em Portugal*, nos *Serões*, vol. I, 2.ª Serie, pag. 7.

dos barristas podia dizer-se que se bifurcara: em *hieratica* e *demotica*.

Applicou-se especialmente, a actividade artistica dos choroplastas, na composição de «presepios» (1).

E' curioso ver como se ligam na sua significação religiosa e artistica, as figuras dos *ex-votos* neolithicos e as dos «presepios». A figura humana sahiu de um acto ritual. *Idolo*, como esforço de reprodução concreta da ideia da divindade (2); *ex-voto*, como reprodução do crente, que á divindade o offerece, na vera efficacia do auxilio implorado (3); a origem da representação anthropomorphica provém do culto naturalistico do homem da *pedra polida*. No Egypto, em Phaestos, Cnosso, Butmir, Haghia Triada (Creta), nas Cyclades, na Thessalia, Liguria e em Petsofá (Scythia), etc. da *pedra polida* e da *epoca do bronze*, muitos exemplares surgem das explorações archeologicas (4).



GRAY. N.º 2

O mesmo succedeu com os animaes. Adorados no Egypto (crocodillo, macaco, chacal, leão, boi, ibis, etc.), offerecidos em *ex-voto*, e antes na falta de victimas para sacrificar, por pobreza, depois tambem por symbolismo, para lembrar assim os animais que o offerente queria sacrificar, ou sacrificou, apparecem igualmente desde o periodo neolithico.

Cnosso, Haghia Triada, Palai-kastro, em Creta, deram bom testemunho (1).

Figuras de estylo mycenico representam homens que offerecem, braços estendidos, as suas dadas ao deus (2), passando ante o seu templo, em Cnosso.

E' milhares de seculos depois, nos «presepios» (3), é uma grande multidão, que accode a offerecer gado, riquezas, a ir de romaria,

como os primitivos homens e os primitivos Christãos, dar a sua fortuna de pobres, ou abundancia de ricos, depò-la, crente e piedosa, aos pés da divindade. Materializa-se uma forma de culto, o das *offerendas*; a adoração de um mysterio, o *Natal*; uma practica pagã, a *peregrinação*, depois *romaria* desde que os Christãos iam «romear» ao lugares santos de Roma; e a par um

(1) Por vezes figuram os proprietarios nos presepios, onde occupam o primeiro lugar dos offerentes. E' a continuação do habito feudal e do Renascimento, em que os donatarios offereciam, a Deus, á Virgem ou a um Santo, paineis em que elles proprios figuravam orando; v. g. o presepio dos Marquezes de Bellas, do dr. Pulido. E' o caso da adoração real do *Painel do Infante*, de Nuno Gonçalves.

(2) A primeira forma ideal da divindade é feminina. No periodo neolithico, só por excepção apparecem figuras viris. Angelo Mosso, *Escursioni nel Mediterraneo*, Milão 1907, pags. 91, 106, 216, 217.

(3) Angelo Mosso, *Le origini della Civiltà Mediterranea*, Milão 1910, pags. 101 e 142.

(4) Mosso, *Le origini...* pags. 68, 90 a 93, 102, 106, 107, 143, etc. *Escursioni...* 48, 194, etc.

(1) Ang. Mosso, *Escursioni nel Medit. op. cit.*, pags. 162 e 11, 195, 198, 199, 211, etc. *Origini della Civiltà...* op. cit. pag. 142 e 11.

(2) Ang. Mosso, *Escursioni, etc.*, pag. 162.

(3) «Presepio vale o mesmo que *Estritaria de animaes domesticos...*» com «varias figuras, apparencias perspectivas...» «Costumava todos os annos do Natal emprestar um pequeno «Presepe» que tinha. (Queiroz. *Vida do Irmão Bast.* pag. 195 col. 1.)» In *Vocabulario* de Bluteau, s. v. «Presepio».

acto christão, a festa do *orago*. Envolve tudo, a vida do campo, as occupações caseiras e as folganças.

Fizeram-se «presepios» numerosos. Para cathedraes e igrejas ricas as esculpturas d'essas figurinhas delicadas da epopeia do Natal, aperfeçoavam-se nos melhores mestres, pintado o barro d'elles por mestres tambem, quando um não fazia a obra inteira; o *torrão* com as suas construcções, as montanhas, as fortalezas, castellos, pejava; e as proporções eram grandiosas: Sé de Lisboa (de Machado de Castro), Basilica da Estrella (de Antonio Ferreira), Madre de Deus, Collegio de Campolide, em Lisboa (1). Para templos de menores recursos, tinham os «presepios» menor tamanho. No Convento das Maltesas, em Extremoz, ha uma machineta de páu santo, de approximadamente um metro de alto, cheia de figurinhas de duas a três pollegadas, que se desenvolvem nos accidentes do costume, cachos de anjos a descerem do céu, e onde a paisagem se estende em painèzinhos de oleo alto nas paredes, e na face interna das portinholas; algumas figuras, ainda, ahí são pintadas.

D'esses «presepios», andam dispersos muitos grupos e personagens avulsas, pelas povoações vizinhas. Vi-os em Borba, Villa Viçosa, Veiros, Sousél; outros encontrei provenientes de Vimieiro, Evora-Monte. Um grupo da fuga para o Egypto, appareceu desprezado n'um casal (*monte*) dos arredores de Extremoz, grav. n.º 1



GRAV. N.º 3

Obedecem todas as figuras ao mesmo processo esthetico, de naturalismo delicado, expressão ingenua, roupagens de côres variegadas, onde se vê a profusão de rosas vermelhas na seda clara da indumentaria de Luis XV, justeza de desenho, desenvolta liberdade de movimentos.

Casas particulares tiveram os seus «presepios». Uns eram de grande execução: o do dr. Pulido (1), em que figuram os Marqueses de Bellas, por exemplo. Outros eram menores, ou em oratorio, ou em caixas de vidro. Mas havia em quasi todas as casas «um Presepio», onde Reis Magos, pastores de surrões vistosos, cordeiros d'esguedelhada lã, «se apressavam atravez d'alcantis, para o «menino, que na sua lapinha lhes abria os «braços, coroado por uma enorme Corôa «Real», na descripção de um, em Tormes, feita por Eça de Queiroz em *A Cidade e as Serras* (2).

São, outros, mais modestos. D'elles fala Felipe Simões: os que «as mulheres devotas «preparam e enfeitam para celebrar o natal «do Salvador» (3).

Em Extremoz encontrei, em casas particulares, «presepios» inteiros, do primeiro quarto do seculo XIX. As figuras têm já um caracter popular. Alguns são ainda do tamanho de oratorios onde se mettiã os

velhos «presepios», na mesma madeira, no mesmo *conchoidal*, ou de imitação modesta.

(1) João Barreira e José Queiroz, nas obras atraz citadas.

(2) Eça de Queiroz, *A Cidade e as Serras*, Porto 1901, pag. 231.

(3) Fel. Simões, *Escriplos Diversos*, Coimbra 1888.

(1) João Barreira, *Presepio de Barro*, in *Serões*, vol. I, 2.ª Serie, 1905, pags. 515 e 11. José Queiroz, *Ceramica Portuguesa*, pags. 288 e 11.

Perdêra-se, porém, a acção e contacto dos mestres barristas, de quem bons exemplares surgem aqui e além, a attestar o seu valor, e a condizer com o progresso da cerâmica e dos azulejos, cujo decahir se nota tambem, na propria villa, e n'outras localidades, como em Sousél.

A par d'estes «presepios» grandes, onde vigiam e marcham soldados de grande barretina e correame branco, de grandes espingardas e porte marcial, que chegaram até a guerra dos dois irmãos, com prestigio na Guerra Peninsular — havia, como no seculo antecedente, e encontram-se profusamente «presepios» de dimensões reduzidas, para cima de mesa, em caixas de vidro, com flores e figurinhas de pouco mais de pollegada. Eram portáteis, para uso domestico, especie de *jardin clos* (1) de Malines, e havia-os de charola para cortejos e festas de Natividade.

Os barristas, que tão bella escola de arte formaram em Extremoz, deixaram tradição. Foram-se elles, ficaram os barristas do povo, formadores ou operarios successivamente uns dos outros, como o foram dos mestres do seculo xviii. Continuaram a plasticizar figurinhas de «presepio», talvez no intervalo do fabrico de pucaros e bilhas. A arte degenerou, cahiu, deu a que de si chegou ao estado actual. O «presepio» fez-se porém sempre, conforme o uso em templo, casa, charola de arruar.

(1) *Annales de l'Académie Royale d'Archéologie de Belgique*, vol. LXIV, 6.^a série, paginas 382 e 11. Estudo do Dr. Gr. Van Doorslaer.

As figuras são as mesmas, indefinidamente copiadas umas das outras na sua maneira expressiva. Por isso conservam um certo ar de parentesco as figuras do seculo anterior e as do principio, e talvez primeira metade, do seculo xix. Como se filiam uns nos outros estes productos da arte choroplastica local, vê-se na *grav. n.º 2*; o mais antigo dos *Reis Magos* é o da direita, e o da esquerda foi feito no anno passado. Têm a mesma technica, e repare-se nos troncos das pernas, a mesma attitude, as mesmas caixas de joias dos presentes, a mesma corôa, o mesmo luxo, identica factura, com a predominancia de côr vermelha e ama-

rella, scetro por terra, aos pés dos dois reis brancos; apenas os borzequins orientaes dos dois da direita chegaram ás botas de *hussard* do terceiro.

A *grav. n.º 3* representa duas figuras de «presepio», mais próximo do seculo xviii, que da forma



GRAV. N.º 4.

actual, ou seja dos ultimos cincoenta annos. O vestido lilaz semeado de flores vermelhas e amarellas e brancas, que a vendedeira ou fabricante de chouriços enverga, é uma influencia visivel dos trajes do fim doseculo xviii. O pastor, de grande collarinho, foi copiado até hoje, como se verá na *grav. n.º 4*, carapuça (1), samarra, botas altas, cara rapada, suizas enormes como hoje, é coevo da figura de mulher, com o mesmo processo, as mesmas côres, a mesma carnação branca de cal, cabellos ruivos estriados a punção, feições

(1) Carapuça vermelha debruada de verde, como hoje se usa ainda.

retocadas a côr de vinho, os olhos negros, faces rubidas; no homem a coloração facial é circular.

Hoje o unico fabricante destes *bonecos*, em Extremoz, é a Snr.^a Gertrudes Rosa Marques, no Outeiro, ou seja no monte coroado pela *torre de menagem* de D. Denis, ao lado do palacio de D. João V. Já velha nos seus tres quartos de seculo, faz hoje os bonecos como os fez sempre, e lhos ensinou a fazer o marido, que de ha muito morreu. Só d'ella ninguem soube apprender, e com ella acabará a linha da genealogia artistica dos barristas de Extremoz.

O barro de Extremoz, conhecido e gabado em todos os tempos por nacionaes e estrangeiros, é de uma ductilidade e abundancia, que tornam fáceis os productos da sua manufactura. Foram estes conhecidos em Italia (1), por exemplo, e vê-se pelo relato da viagem do

Cardeal Alexandrino, escripto pelo secretario Venturino, quanto apreço D. Sebastião lhes dava (2). M.^{me} de Aulnoy (3) cita as *figas* de barro de Extremoz, usadas em Hespanha no seculo xviii, ao pescoço das crianças rachiticas.

No Convento de Almoester, o dr. José Queiroz viu uma collecção de figuras attri-

buidas a Extremoz, do ultimo terço do seculo xviii (1).

Para os «presepios» fizeram-se em todo o tempo series completas de animaes, desde a vaca e a mula do palheiro de Bethlem (o *presepio*, propriamente dito, equivalente a *estribaria*, in loc. cit. de Bluteau), aos cordeiros dos offerentes. Hoje não faltam. E se os mais antigos, de barristas populares, eram mais graciosos e variados, hoje são mais vistosos; aquelles estavam de pé, ou deitados sobre as patas, os mais modernos estão, por via de regra, levantados; aquelles tinham o pêllo marcado a depressões, e manchado de

verde, negro ou côr de vinho, o corpo cinzento, amarello, verde ou branco; os de hoje são em geral esmaltados, lisos, raro e simples tinta, a então monochromaticos.

Na grav. n.º 4 nota-se: um pastor com o grande collarinho do pastor da grav. n.º 3, samar-

ra, manta de listras, cajado, *tarro* no braço; uma pastora a fiar, cestinha de queijos de ovelha á cabeça; n'um e n'outro um par de ovelhas brancas deitadas de borco; uma vendedeira de castanhas, que ella prepara e estôna em um assador de barro sobre o fogareiro de barro tambem. As côres são as mesmas de sempre, só a forma é mais gros-



GRAV. N.º 5

GRAV. N.º 6

GRAV. N.º 6-A

GRAV. N.º 7

(1) *Memorias parochiaes de 1758*, tomo XIV, ff. 724.

(2) Alexandre Herculano, *Opusculos*, tomo VI, p. 93.

(3) M.^{me} de Aulnoy, *Relation du Voyage en Espagne*, II, 66 e 143.

(1) José Queiroz, *Ceramica Portuguesa*, pag. 275. Na pag. 288 fala de duas fabricantes: Gertrudes Felizarda, que me affiançou chamar-se Gertrudes Rosa Marques, e não ter havido lá outra Gertrudes «no officio», e Marianna Estopa, fallecida.

seira. Empregam o negro, lilaz, vermelho, azul, verde, amarello e branco. Os cabellos são ainda de um ruivo còr de vinho, como os antigos, mas lisos, olhos negros, carnadura branca, faces rubras, feições fixadas pela tinta, faces de còr em mancha discolar, mulheres de flores no cabello, ou de lenço apertado atraz, grandes arrecadas, como a da *grav. n.º 3*. Uma differença fazem das antigas, estas figuras: são cobertas de um verniz de esmalte, excepto os animaes quando se lhes quer deixar o aspecto lanudo, pois do contrario ficam lisos, como liso é o trage das figuras. Estas figuras são menores que as da *grav. n.º 3*. Enquanto as antigas têm por média 0^m,17 de altura, as actuaes não passam de 0^m,13.

Proveniente das figuras de «presepio», que obedecem ao velho estylo indumentar e domestico, appareceram os *bonecos* de actualidade, que foram acompanhando a moda até hoje. *Grav. n.º 5*. O aspecto caricatural, que mostram, é casual por via da impericia, e não procurado como nos do Prado e Caldas. Não sobressahe o gosto caricatural, característico do povo, certo por motivo da origem não popular d'esta esculptura, e da sua applicação religiosa.

Sempre o espirito assimilador e reproductor do povo tentou traduzir a visão do mundo ambiente. A inspiração objectiva dos «presepios» devia de manter-se. Por isso, as danças de Carnaval, onde bailavam mascarados de negros, deram os *bonecos* da *grav. n.º 6*: pretos de saias vermelhas, barreadas de amarello ou còr de vinho, braços engrinaldados, manta ao pescoço e colleante na cabeça, vão com um ramo phantastico ou offerecem flores.

Danças carnavalescas, ainda hoje existentes, embora modificadas por pobreza e velhice, deram as *Primaveras*, figuras de mulher, do processo commum, vestidas de dan-

çarina, com um arco de discozinhos (rosas) de ombro a ombro, pintadas das côres do costume, e na cabeça um chapéu de phantasia com laços e flores. Ao principio é possível que fosse alguma dança de flores, irmã das *maias*, como dá a entender o nome, e o dão ás flores (*Vêde a grav. n.º 7*.)

O processo é o mesmo sempre; tintas diluidas em óleo, applicadas quando o *boneco* está cozido, esmalte por cima; côres berrantes, anatomia grosseira; figuras pou-sadas em chapas de barro, pintalgadas, de forma rectangular ou subrectangular. A sr.^a Gertrudes Rosa Antunes fabrica estes *bonecos* por encomenda; ultimamente fez um jogo completo de «presepio», para o sr. D. Sebastião Pessanha, e outro incompleto para mim, com destino ao Museu Ethnologico Português.

Outras figurinhas de character profano são os assobios. Representam em geral soldados a cavallo, havendo na villa um regimento de cavallaria. São os mais ingenuos de toda a *bonécaria* local. O assobio é a cauda do cavallo, ou associa-se á chapa onde a figura poisa. Estes apparecem em todas as feiras, e são do maior consummo, ao lado dos *rouxinoes*.

Tambem nas feiras apparecem uns *bonecos* minúsculos, de pollegada, que servem de ganchos de meia. São: padres, sachristães, freiras de Malta, soldados, homens, mulheres do povo, ou papagaios, pombos e gallos, ou corações. E' tudo de barro, colorido e envernizado. Nas costas ha um anelzinho para passagem de fio ou fita de suspensão no hombro; na frente um gancho dobra-se para cima, e n'elle corre a linha; a collocação d'este é sempre muito risivel.

Fóra dos «presepios», e das figuras affins, houve no seculo xviii, e continuou-se depois,



GRAV. N.º 8

o fabrico de santos de nicho ou de affixar na parede, coloridos ou alisados. Dos nichos, apparecem muitos, do seculo XVIII e XIX, pelas estradas nos casaes, pelos pateos nas casas antigas, e em suas capellas, nos quaes se vê um santinho no nicho, ou, em vez d'elle, um retabulo de azulejo com legenda, como esta sobre uma fonte: *Santo Antonio pergando os peixes*. De affixar na parede, apresento a gravura n.º 9, com uma N.ª S.ª da Conceição pintada e esculpida á moda dos «presépios», tunica branca debruada e forrada de verde, manto azul, — meio pagã meio evangelica, — muito delicada, com a cintinha carmezim a marcar o quadril. E' de meio vulto, socavada, bordos lisos para ajustar na parede. Provém de Vimieiro, com o farto cabello cahido sobre os ombros, symetricamente, em ondas de um louro torrado, antigo, serena, de uma expressão suave, ingenua.



GRAV. N.º 9

Por curiosidade, apresento na gravura n.º 8, um Santo Antonio, de oratorio. Tem a cabeça de adaptar, como uma rolha, no cimo do tronco. O menino segura-se no livro por meio de um espigão de ferro, o que permite tirá-lo. Veio directamente de Extremoz (1). Tem o habito a brilhar de pó dourado.

Lisboa, Abril de 1916.

LUIS CHAVES.

(1) No Porto são notaveis as figuras de barro, com trajes populares, e em scenas de viver do povo, de valor artistico, em que se representam os trajes com imitação de estamemha, burel, etc. Ha outras figuras em Guimarães, Caldas, Lisboa.

Em Italia, vid. *L'Art rustique en Italie sep.* do STUDIO fig. 427. Em França, *L'art rustique française — art provençal.* — estatuetas de presépio (*santouns*). Na Belgica as figurinhas de madeira dos *jardins clos* nos *Annales de l'Académie Royale d'Archéologie de Belgique*, volume LXIV, 6.ª série, tomo IV, pag. 382. A madeira era de ordinario o buxo.

Sexta-Feira Maior

*Tarde cansada, anemica, dolente,
Tarde olorosa e vagamente fria...
Neblina de lilaz opalescente
Que linda Sexta-Feira d'Agonia!*

*Cá dentro do meu ser, distinctamente
Chorava o meu latim da liturgia
E como que senti a dôr d'um crente
A' hora certa em que Jesus morria.*

*Na vespéral penumbra de setim
Passou muito de manso o teu perfil,
O teu perfil, Senhora do Frescôr...*

*Abriu-se uma janella dentro em mim.
Toda a tristesa foi choral d'abril
Rimei no teu perfil o meu amôr.*

Abril, 1916 — Sexta-Feira Santa.

THEOPHILO JUNIOR. •



Ponto final

«Terra Nossa»

Entrou o mês de maio, o mês da Vida. Entrou o mês de maio, o mês das primeiras calmas, o mês das feiras, o mês das touradas, o mês das flôres, o mês da côr. Entrou o mês de maio e com elle entrou a publicar-se o nosso modesto mensario cujas paginas traçadas sob a emoção nestalgica da Charneca-Mãe representam os primeiros passos d'uma aspiração a caminho d'um objectivo maior. Um mensario é necessariamente um jornal que se publica menos vezes do que o commum dos jornaes como o poderia afirmar cathedratico qualquer Monsieur de la Palisse d'esses tantos Monsieur de la Palisse em que é fertil esta pequenina terra de Portugal. Temos, por conseguinte presente e bem presente na nossa memoria a carta de Fradique Mendes ao seu amigo Bento sobre os jornaes. Pisámos até com attenção singular todas as razões que nos serviriam d'obstaculo para collocarmos á venda no mercado as paginas que ahí ficam. O proprio desalento se nos insinuou no coração. Mas ao cabo... «as onze horas ligeiras, dançaram no nosso velho relógio, o minuete de Pluch» O aroma do nosso almoço agitou suavemente o ambiente da nossa salla de jantar. A necessidade atavica de todos os dias reclamar para a mês do nosso «home» os papeis quotidianos. Reconhecemos, faltou um. A publicação do mensario *Terra Nossa* resolveu-se immediatamente. Oxalá que com as flôres symbolicas da Ventura acompanhe em toda a sua vida a *Terra Nossa* a affeição dos seus leitores.

Em Beja — A Feira

O precioso inedito de Fialho d'Almeida que os leitores d'esta revista teem occasião de ler nas suas paginas, devemo-lo á gentilésa amavel do sr. A. M. Teixeira com livreria editora na Praça dos Restauradores.

E', como seria pleonastico acrescentar-se, um trecho de prosa viva, rythmada, cantante, d'essa prosa que só o grande mestre soube fazer na lingua nacional.

Ao sr. A. M. Teixeira exprimimos aqui o nosso

muitissimo reconhecimento pela cedencia preciosa que teve a bondade de nos fazer.

Aboim Inglês e João Camoêsas

No summario do primeiro numero da «*Terra Nossa*» estavam incluidos a trabalhos dos nossos amigos e valiosissimos collaboradores srs. Aboim Inglês e João Camoêsas.

O sr. Aboim Inglês chegou ainda a enviar o seu artigo subordinado ao titulo *O Alentejo* mas com grande pesar nosso tivemos de adiar a sua publicação por motivo de só tarde nos haver chegado ás mãos. Os leitores, mais do que o nosso querido collaborador, que nos desculpem a sensaboria,

Quanto á collaboração de João Camoêsas que não poude ser iniciada n'este numero sê-lo-ha sem falta no proximo conforme a promessa que nos fês e que certamente saberá cumprir.

A nossa capa

A capa d'este numero da *Terra Nossa* é feita sobre um desenho do pintor Martinho Gomes da Fonseca. Rapaz como os rapazes, e artista como os que o são, tem o entusiasmo da vida que elle sente na sua belleza, o apego da belleza que o seduz. Discipulo de Columbano Bordallo Pinheiro, está, entre os novos, na phalange dos que mais futuro promettem na arte de Portugal.

O Alentejo na Arte

Na 13.^a exposição da *Sociedade Nacional de Bellas Artes*, em Lisboa, de Maio corrente, foram apresentados os seguintes quadros que representam paisagens alentejanas:

Abel Santos: — *Castanheiro* (Portalegre), n.º 172 do catalogo; *Rua Antiga* (id.) n.º 173; *Poente* (id.), n.º 174; *Estudo* (id.), n.º 175.

Dárdio Gomes: — *De volta dos serviços no Alentejo* (o rancho da azeitona), Arrayolos, n.º 62; *Campos da minha Terra* (id.), n.º 63.

João Vaz: — *Margens do Sado*, n.º 210; *Alto da Serra* (Setubal), n.º 216; *Casebres* (id.), n.º 217; *Um ponto de vista* (id.), n.º 224.